ARNO PREIS: DOS LIVROS À GUERRILHA

Nos dias 11 e 12 de outubro p.p. foram exumados do cemitério de Paraíso do Tocantins os restos mortais que se presumem serem de ARNO PREIS, militante de um e, posteriormente, de outro dos movimentos políticos armados que, no final da década de sessenta e no início da década de setenta, enfrentaram o Poder Militar que se impusera ao País.

Foi ele morto no dia 15 de fevereiro de 1.972, em confronto com policiais militares e civis da então Paraíso do Norte de Goiás, e enterrado no cemitério local, sem guia de sepultamento nem lavratura de óbito.

À época, policiais entregaram seu corpo ao coveiro, dizendo-lhe: "Enterre de qualquer jeito. Isto é um porco."

O coveiro, Milton Gomes, pensou consigo: Isto não é um porco. Este é um homem. Alguém um dia virá procurar por ele."

Tomou então o cuidado de, junto ao local do sepultamento, erguer uma pequena pirâmide de concreto, sobre a qual fincou uma cruz de madeira, o que iria facilitar sua posterior localização, diferentemente do que ocorreu com muitos desaparecidos políticos.

Uns dez dias depois, enorme aparato policial militar cercou o cemitério, que então não tinha muros e levou um dos braços do corpo.

Identificado, em 22 de março de 1.972 a imprensa noticiou sua morte como a de um líder terrorista.

Pertencera ele à ALN (Aliança Libertadora Nacional), fundada sob liderança de Carlos Marighella, estivera em Cuba e retornara integrando o MOLIPO (Movimento de Libertação Popular).

****

Quem era ARNO PREIS antes de entrar na guerrilha ?

Conheci-o em 1.957, quando, sendo eu segundanista, ingressou ele na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mais conhecida como Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Chamou-me a atenção a maneira determinada com que perseguia seus objetivos.

Ex-seminarista e poliglota, dominava dez idiomas: grego, latim, português, italiano, espanhol, francês, romeno, inglês,

alemão e russo.

Dono de invejável cultura, lembro-me quando estava ele empenhado na tradução do livro "IWOJIMA", sob encomenda da Editora Flamboyant, época em que se interessou pela cultura japonesa, e certo dia, comparando versos da Odysseia de Homero com a letra de uma canção japonesa, alertou-me para a identidade entre a métrica de ambos.

Rico de brasilidade, dizia ele os versos de "Poeta do Ceará" com pronúncia tipicamente nordestina, o que contrastava com seu tipo físico acentuadamente germânico.

Pretendia ele prestar concurso no Itamarati e seguir a carreira diplomática.

Vocacionado para uma carreira de diálogos e negociações, acabou por empunhar armas e morrer em cidade do interior de Goiás.

O que levou um jovem dedicado aos livros e ao Direito a ingressar em um movimento armado ?

****

O Golpe Militar de 1.964 depôs o Presidente João Goulart que, eleito Vice-Presidente em 1.960, assumira a Presidência em substituição a Jânio Quadros, que renunciara após oito meses de exercício do seu mandato.

A partir daí, sucessivos atos de arbítrio impostos por forças policiais e militares foram montando um sistema de direção centralizada, associada a interesses financeiros e grupos internacionais.

Medidas que o Presidente Goulart recusara-se a aceitar foram adotadas pelo Governo Militar: acordo para garantia de investimentos norte-americanos no Brasil, revogação da lei que disciplinava a remessa de lucros das empresas estrangeiras, compra de usinas hidrelétricas do grupo AMFORP a preços vantajosos para os vendedores, concessão de porto livre para exportação de minérios, rompimento de relações diplomáticas e comerciais com a República de Cuba.

Fechamento do Congresso Nacional, cassação de mandatos, aposentadoria compulsória de magistrados, membros do Ministério Público e funcionários civis e militares, expulsão de professores e pesquisadores, intervenção em sindicatos e órgãos estudantis e perseguições a seus líderes, extinção de organizações civis, cen-

sura à imprensa, impedimento ao direito de reunião e organização, foram atos que se impuseram, para a montagem desse modelo econômico centralizador e anti-nacional.

Um acordo denominado MEC-USAID permitiu a reformulação do ensino brasileiro, subordinando-o aos interesses norte-americanos.

Contra isso, nada se podia fazer, com a perseguição a todos que discordassem desse projeto, muitos dos quais foram presos, torturados e mortos.

Sem outra opção, muitos dissidentes entenderam que somente através de resistência armada poderiam reconquistar os direitos individuais e de cidadania necessários à devolução ao Povo do direito de participação nas decisões de seu interesse.

Daí porque pessoas que se dedicavam a atividades pacíficas entregarem-se a ações armadas.

Hoje, vemos um deputado que já foi guerrilheiro, José Genoíno Neto, empunhando como armas a Constituição e o Regimento Interno da Câmara Federal.

O Forum natural dos debates, que é o Congresso Nacional, está livre para desempenhar seu papel.

Temos um regime disciplinado constitucionalmente.

****

No pátio da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, acham-se insculpidos os versos de TOBIAS BARRETO:

"Quando se sente bater"
"No peito heróica pancada"
"Deixa-se a folha dobrada"
"Enquanto se vai morrer."

Tomados de indignação cívica, centenas de jovens dobraram as folhas de seus livros, uniram-se a pessoas de outras origens que também deixaram suas rotinas e foram enfrentar o sacrifício. Muitos, o martírio.

Não fosse o fechamento de todos os canais de comunicação entre a Nação e o Estado, o Brasil não teria amargado a perda de muitos de seus mais dignos e generosos filhos.

Entre os quais, além dos dissidentes, situam-se também muitos funcionários civis e militares de boa fé, dos quais a Dita-

dura utilizou-se, cobrando-lhes obediência hierárquica.

ARNO PREIS, como tantos outros, dobrou uma folha do livro da História e imolou-se no sertão de Goiás, passando a ser parte da própria História.

Compete a nós, agora, retomar a sua leitura, a partir das novas páginas que foram escritas.

IVO S. SOOMA